



Reuter

Funaro e o ministro do Tesouro italiano, Giovanni Gorla

Funaro conversa com Rockefeller em Roma

ROCCO MORABITO
Nosso correspondente

ROMA — O ministro da Fazenda, Dílson Funaro, encontrou-se ontem em Roma com o ministro italiano do Tesouro, Giovanni Gorla, concluindo sua viagem pela Europa, onde expôs a posição brasileira diante da suspensão do pagamento dos juros da dívida externa. Mas, inesperadamente, conversou também durante 1h20 com David Rockefeller, do Chase Manhattan Bank, um dos maiores credores do Brasil, que estava de passagem pela cidade.

O encontro com o banqueiro norte-americano é o primeiro desde 20 de fevereiro, quando o Brasil anunciou a moratória. Funaro qualificou o fato como "encontro entre amigos", e adiantou a Rockefeller que "nunca havia pensado em suspender o diálogo com o bancos, mas achava absolutamente prioritário conversar antes com os governos". A conversa ocorreu na Embaixada brasileira em Roma e foi articulada pelo embaixador brasileiro, Carlos Alberto Leite Barbosa. Após a reunião, Funaro e Rockefeller saíram muito sorridentes e pareciam satisfeitos.

Com Giovanni Gorla, o ministro brasileiro manteve-se reunido por mais de uma hora. Expôs o plano do País para saldar seus débitos e segundo a imprensa italiana a receptividade foi a melhor entre os países europeus. Gorla declarou após o encontro que ouviu de Funaro uma explicação franca e clara sobre a proposta brasileira e concluiu que a solução do problema passa necessariamente por um acordo, e que sem ele as consequências da comunidade financeira serão "pouco serenas". Giovanni Gorla acrescentou ainda que ouviu de Funaro que a renegociação não inclui a volta ao FMI, o que traria de volta a recessão. Não quis, contudo, manifestar sua opinião a respeito, mas concordou com a tese bra-

sileira que é necessário criar condições para se pagar o que deve. Sobre isso, Funaro lhe disse que o Brasil não está pedindo perdão a ninguém, defendendo uma ampla reforma de algumas instituições internacionais, como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. "São organizações já superadas pela evolução do mundo. O Banco Mundial, por exemplo, de há muito tem um programa de aumento de seu capital com o propósito de emprestá-lo aos países em desenvolvimento, mas até agora esse aumento não se verificou devido à não aprovação por parte do Congresso norte-americano. Está tudo bloqueado". O ministro italiano ouviu e mostrou-se muito disposto a encontrar um mecanismo em que se possa colocar na mesa de negociações todas essas variáveis para se iniciar a renegociação da dívida brasileira.

Depois do encontro, Dílson Funaro concedeu uma entrevista à imprensa italiana. Entre as perguntas que lhe foram feitas, uma delas tratava da quantia devida pelo Brasil à Itália. Funaro não soube responder. Sabe-se que o total de crédito italiano para com a América Latina é de cerca de US\$ 4 bilhões. Os jornalistas interpretaram a resposta como uma omissão do ministro. Outra questão abordada colocada a Funaro: Qual sua visão sobre o fato da Sacis, instituição italiana que garante o crédito à exportação, ter qualificado o Brasil como um país de alto risco? O ministro brasileiro respondeu que há nessa categoria muitos outros países.

Dílson Funaro seguiu ontem para o Japão, completando seu ciclo de conversas com as nações credoras do Brasil. Segundo o Itamaraty, ele se reunirá na terça-feira com os bancos privados, mas antes disso manterá conversações com autoridades do Eximbank japonês e com os ministros das Finanças e das Relações Exteriores daquele país.